



Expedições científicas alertam para saúde do rio São Francisco

Adriana Amâncio
redacao@jornaldosertaope.com.br

Foto: Equipe da Expedição 2020



● Barco de pesquisa da Expedição científica 2020 onde são feitas as análises dos materiais coletados no rio

Ações de restauração e conservação ambiental estão ligadas ao futuro das cadeias produtivas que sobrevivem do rio São Francisco. De acordo com resultados dos relatórios das Expedições Geográficas no Baixo São Francisco, comparando os anos 2018, 2019 e 2020, apresentaram aumento no assoreamento com o surgimento de 27 novas ilhas, um processo avançado de inclusão salina, que consiste no avanço do mar até o continente, além da proliferação de parasitoses.

O projeto Expedições Científicas é realizado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a Codevasf, o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco e o Ministério da Ciência e Tecnologia, com a parceria de outras 16 organizações nacionais e internacionais. De acordo com o engenheiro de Pesca, Biomédico, especialista em Recursos Pesqueiros, professor da UFAL e coordenador das Expedições, Emerson Nogueira, ao longo desses últimos três anos, indicadores trazem preocupação em relação à saúde do São Francisco.

Foto: Equipe da Expedição 2020



● Profissionais das áreas de biologia engenharia de pesca e diversas outras reunidos na Expedição Científica 2020

“Em 2018, a vazão do rio identificada foi de 550 m³ por segundo. Comprovamos a presença de metais pesados, o assoreamento intensificado pela presença de 27 novas ilhas e uma inclusão salina, ou seja, avanço do mar até o continente de 16 km. Em 2019, a vazão do rio aumentou para 1.500 m³ por segundo, ainda assim, encontramos problemas de esgoto doméstico lançado no rio, que levaram à proliferação de plantas devido a contaminação da água”, revelou Nogueira.

No levantamento também foi constatado acúmulo de matéria orgânica, agrotóxicos e parasitoses nas águas. Neste ano, a inclusão salina foi reduzida em 2 km. Em 2020, a vazão do rio teve um aumento significativo, atingindo 2.800 m³ por segundo. “Registramos problemas com a qualidade da água e com o assoreamento. Especificamente a inclusão salina tem causado a perda de espécies nativas, que fazem parte de importantes cadeias econômicas nos estados banhados pelo rio São Francisco. Além disso, há regiões onde a água é totalmente salobra, ou seja, considerada imprópria para consumo”, explica o engenheiro de Pesca e pesquisador.

Foto: Equipe da Expedição 2020



● Equipe da expedição realizando análise no barco de pesquisa dentro do rio São Francisco

O Velho Chico e o povo indígena Pankararu

Josenilda Marques da Silva, de 61 anos, é condutora de Trilha, professora e liderança indígena do Povo Pankararu. Ela nasceu e viveu grande parte da infância na comunidade de Brejinho da Serra, às margens do rio São Francisco, no município de Petrolândia. Ela disse ao **Jornal do Sertão** que o Velho Chico, além de representar uma fonte de sobrevivência, tem uma importância espiritual para a sua comunidade indígena.

“O rio sempre foi importante para a nossa sobrevivência, pois eu e a minha mãe e toda a comunidade costumávamos pescar peixes para nos alimentarmos. Ele também tem grande valor espiritual. Uma das lendas reza que há oito indígenas encantados, ou seja, espíritos de indígenas mortos que se encantaram e, hoje, vivem para proteger a comunidade. Antigamente, os indígenas costumavam enterrar os mortos em cavernas na beira do rio para que eles ganhassem força, se mantivessem vivos pela força do rio protegendo a aldeia. Com as obras construídas, as comunidades não têm mais acesso às margens do rio, por isso, este costume se perdeu. Hoje, um ritual sagrado que mantemos vivo é a Dança do Toré, realizada a cada 15 dias. Nesta dança, ficamos em círculo e cantamos os toantes, músicas que cultuam a natureza. Temos, por exemplo, o toante de culto aos encantados que diz assim: **o Sol já vem surgindo e traz o menininho como é o nome dele é o Rei dos Encantados**. Outro toante é cantado para festejar a fatura na colheita do Umbu: **Umbuzeiro grande, encostado, o pequeninho, eu venho da mata, ó caboclo, eu venho por este caminho**. Um costume da nossa comunidade até os dias de hoje é dormir em esteiras, produzidas com um capim chamado Taboa, que é cultivado às margens do rio São Francisco.

Josenilda Marques, 61 anos, Professora, Condutora de Trilha e liderança indígena Pankararu

O Velho Chico na vida dos ribeirinhos de Petrolina

O agricultor Abelardo Batista tem 82 anos. Veio morar em Petrolina quando tinha 25 anos. Há 20 anos, vive às margens do rio São Francisco na chácara Abelardo, localizada na comunidade Roçado, perto de Sobradinho, há cerca de 30 km do centro de Petrolina, no Sertão do São Francisco. Para ele, o Velho Chico representa a vida.

“Esse rio representa muita saúde e muita alegria. A gente plantando, tudo dá. Quando eu cheguei para morar aqui, tinha 25 anos de idade. Nesta época, era muito diferente, pois o rio tinha mais água. A largura dele diminuiu 55 metros, desde que eu cheguei aqui até hoje”, **Abelardo Batista, 82 anos, agricultor, dono da Chácara ABS, em Petrolina, no Sertão do São Francisco**.

Emerson Soares - Engenheiro de Pesca, biomédico, especialista em Recursos Pesqueiros, mestre em Biologia de Água Doce, doutor em Biotecnologia e pós-doutor em Ciências Aquáticas. Atualmente é professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e coordenador da Força Tarefa do óleo em Alagoas.

**SE TEM SABOR,
PREMIUM TAMBAU,
TUDO FICA MAIS GOSTOSO.**

